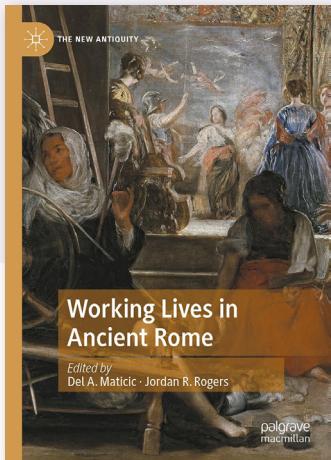


Resenha: Trabalho e vida

Review: Work and life



Jarbas Novelino Barato

Doutor em Educação pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), mestre em Tecnologia Educacional pela SDSU (San Diego State University). Consultor da UNESCO. Trabalhou durante 30 anos no Senac de São Paulo e foi professor adjunto na Universidade São Judas.

MATICIC, Del A, ROGERS, J. (ed.).

Working lives in ancient Rome. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2024.

Introdução

Uma coisa que me incomoda é nossa incapacidade de ver os trabalhadores como pessoas, como gente que deve ter uma vida da qual o trabalho faz parte. Um dia resolvi testar essa nossa incapacidade. Éramos 20 educadores e estávamos num simpósio promovido pela UNESCO para discutir o ensino técnico integrado. No local de discussão, ocupávamos uma grande mesa em forma de U que facilitava o contato com todos os participantes. Duas vezes, em cada período do dia, uma moça nos servia café, num atendimento individualizado.

No final de segundo dia do simpósio, perguntei aos participantes como era a moça que nos servia café. Ninguém se lembrava de como ela era, apesar de ela ter servido uma xícara de café para cada um de nós umas oito vezes. Ela era completamente invisível.

O resultado do teste que fiz naquele encontro da UNESCO era esperado. O trabalho e o trabalhador entram no palco, mas não são vistos. Livros de história não lhes dedicam qualquer capítulo. Mas, se mudarmos modos de ver os trabalhadores, passaremos a identificar a atuação e as falas deles nos palcos da vida. Essa mudança

não é fácil. No geral, a atuação de trabalhadores não recebe a devida iluminação. Eles ficam numa sombra e não costumam contracenar com atores da elite. A moça que nos servia café era uma prova clara dessa nossa cegueira seletiva. Faltava-lhe a necessária iluminação para que a vissemos como alguém com quem estávamos contracenando.

Onde estão os trabalhadores? Quem são? Como vivem? Respostas a essas perguntas resultam em uma visão que podemos chamar de vidas de trabalhadores. Nessa visão, vida e trabalho se associam para que trabalhadores antes invisíveis passem a ter seus papéis reconhecidos e valorizados. Dessa forma os trabalhadores entrarão na história; ou melhor, terão sua história conhecida.

Esta introdução me foi sugerida pela leitura de um livro magnífico sobre o trabalho, *Working lives in Ancient Rome*. A obra foi escrita por um grupo de eruditos que estudam a cultura clássica. Eles buscam iluminar vida e trabalho de profissionais nos tempos da Roma Antiga. Cada capítulo é escrito com muito rigor e erudição, quase sempre com referências literárias em grego e latim. Isso, porém, não assusta o leitor. A obra não só apresenta uma face pouco conhecida da história como nos inspira a superar tendências de cegueira seletiva do trabalho e do trabalhador.

Vida de trabalho

Del A. Maticic e Jordan Rogers, em fase final de seus doutorados, estavam participando de escavações na Itália. Um dia à noite, após as atividades no sítio arqueológico, os dois pesquisadores conversavam sobre suas dúvidas quanto ao futuro profissional. Perguntavam-se que vida teriam após a conclusão do doutorado. Na conversa, refletiam sobre a associação entre trabalho e vida. A partir do pensar sobre suas carreiras prováveis e seu futuro dia a dia, fizeram uma ponte com o que estavam estudando, a cultura clássica de Roma. Mais particularmente, consideraram um tema pouco comum em estudos sobre a República e os primeiros séculos do Império: trabalho e vida.

Trabalho e vida se separam ou se confundem? No mundo de hoje há a percepção de que se separam. É isso que podemos ver na famosa “síndrome da sexta-feira”. Trabalhadores costumam anunciar o alívio que lhes traz a sexta-feira, dia que marca o início de um fim de semana livre do trabalho. Por outro lado, para muitas profissões vale a famosa frase de Vieira: você é o que você faz. Maticic e Rogers resolveram propor estudos sobre essa questão na Roma Antiga. Para tanto, projetaram um simpósio acadêmico intitulado Trabalho/Vida (Work/Life), convidando para o evento pesquisadores (historiadores, filólogos, arqueólogos) da cultura clássica. Cada convidado apresentou um estudo sobre o tema. O simpósio despertou interesses por análises de clássicos da literatura latina e descobertas arqueológicas que pudessem revelar como era e vivia o trabalhador em Roma. Posteriormente, tais estudos foram reunidos em livro, *Working lives in Ancient Rome*.

Maticic e Rogers resolveram alterar o título do estudo que promoveram. Inicialmente utilizaram o título Trabalho/Vida (Work/Life). No processo de discussão sobre os resultados dos estudos que seriam publicados em livro, concluíram que o título mais adequado seria *Working Lives* (Vidas de Trabalho). A proposta indica o entendimento de que, ao contrário do que nos sugere a síndrome de sexta-feira, vida e trabalho não se separam. E mais: cada tipo de trabalho conforma a vida do trabalhador. Essa visão aparece no final da obra, utilizando uma afirmação curta de James Suzman: “trabalhar é viver”. Os editores do livro entendem que tal afirmação vale para todo tipo de trabalho, incluindo o fazer de animais, as produções de modernos filologistas, assim como de antigos escritores romanos, e revela as vibrações de um ecossistema que o poeta Virgílio chamou de *labor* (um esforço para se associar ao ciclo da vida). Nos diversos capítulos do livro, o trabalho não é abordado como simples atividades econômicas em seus desdobramentos produtivos, ignorando quem são os trabalhadores e como eles tecem relações no mundo em que vivem. Em cada capítulo, os autores buscam mostrar como os trabalhadores davam sentido ao que faziam e viviam. Buscam também entender como o trabalho real se refletia na sociedade romana.

O interesse pela obra de Maticic e Rogers não se circunscreve ao conhecimento sobre um aspecto pouco estudado da história de Roma. O livro editado pelos dois pesquisadores sugere reflexões sobre trabalho e vida nos dias de hoje. Cabe reparar que as vidas de trabalhadores no cotidiano de nosso tempo foram o ponto de partida para os estudos que aparecem em *Working lives in Ancient Rome*.

Nota sobre referências

Working lives in Ancient Rome é uma obra coletiva. Cada autor escreve um dos capítulos do livro a partir de sua participação no simpósio Trabalho/Vida. Se eu fosse seguir rigorosamente normas referenciais, teria que, a cada passo, mencionar autor, título do capítulo, nome dos editores, e nome do livro. Isso resultaria num texto muito pesado. Resolvi, por essa razão, apenas mencionar nome de um capítulo ou nome de um autor, conforme o caso. Tal providência garante um texto fluido, sem perda importante da identificação de autores e obras. Nas citações literais, registrei apenas o nome do autor e o número de página. Nas Referências, não destaquei cada autor de capítulo que examino.

Protagonismo do trabalhador

Nas narrativas tradicionais da história romana, assim como na história de qualquer povo, os trabalhadores não aparecem como protagonistas. São invisíveis, mesmo quando o texto histórico aborda a economia. Isso lembra uma observação de Octa-

vio Paz (1976) em *Labirintos da solidão*. O poeta mexicano observa que na literatura contemporânea não há heróis trabalhadores. Os grandes heróis dos romances modernos são aventureiros, intelectuais, homens do campo (valorizados não pelo trabalho, mas pelo convívio com a natureza). Há raras exceções. Uma delas é *Of mice and men*, de John Steinbeck. No geral, porém, trabalho e trabalhador são ignorados em narrativas ficcionais. A invisibilidade do trabalhador e do trabalho em textos históricos é maior ainda.

Working lives in Ancient Rome procura reverter esse quadro. Nos capítulos do livro, cada autor, à sua maneira, abre espaços para considerar o protagonismo dos trabalhadores. A tarefa não é fácil. Muitas vezes, texto e contexto, que são objeto de análise, destacam papéis das elites. Assim, por exemplo, registros sobre as magníficas construções romanas destacam o nome dos nobres que as encomendaram, ficando oculto o nome do arquiteto que projetou a obra. Além disso, ficam de fora dos registros quem ergueu as construções, quem fez os belos mosaicos, quem se encarregou da carpintaria da construção etc. Muitas vezes os trabalhadores tomavam a iniciativa para que sua invisibilidade fosse rompida. Esse é o caso, por exemplo, de oleiros da Roma Antiga que gravavam seus nomes em alguns tijolos (Rugiu, 1995). O mesmo acontece com registros encontrados em túmulos de trabalhadores. À semelhança do que a elite se atribuía em termos de valores morais e cívicos, veem-se em túmulos epítáfios que exaltam as virtudes e o saber profissional do trabalhador que ali descansa.

As construções, principalmente as de monumentos e edifícios públicos, projetavam o nome de quem a elas se associava. O nobre que vinculava seu nome a uma obra não deixava de supervisionar os trabalhos. E a tradição, muitas vezes, confere a tal nobre um conhecimento determinante no processo construtivo. Atribui-se a Constantino, por exemplo, orientações para resolver problemas no processo de erguer a cúpula de Santa Sofia, um dos maiores feitos da engenharia romana. Atribuição para nós duvidosa, mas revela uma tendência na Roma Antiga. É preciso, portanto, mostrar onde trabalho e trabalhador estão, sob camadas que privilegiam a atuação das elites. Esse é um objetivo que caracteriza o projeto que resultou no livro *Working lives in Ancient Rome*.

Uma das autoras, Caroline Cheung, revela que estuda história de grupos quase sempre invisíveis, mudos, silentes, construindo narrativas de baixo para cima. Os editores caminham na mesma linha, acentuando que o sujeito trabalhador exerce poder estrutural sobre suas condições de vida. Os autores não apartam os trabalhadores escravizados dos demais trabalhadores. Muitas vezes, as análises feitas não destacam a condição do trabalhador, livre ou escravo. O destaque é feito apenas quando, num mesmo trabalho, aparecem libertos que delegam a escravos atividades complementares. Ou seja, importa nas análises mais o saber do trabalho e suas decorrências vitais do que a condição social do trabalhador.

Como mostra Nicole J. Giannella na narrativa sobre relações de Cícero com um dos seus libertos (Tiro), o trabalhador – um auxiliar do orador romano em empreendimentos editoriais – não altera suas atividades quando deixa de ser cativo. Escravizado ou liberto, ele é um colaborador cujos conhecimentos editoriais são fundamentais para que Cícero possa desenvolver suas obras. Importa o que o trabalhador é capaz de fazer. Por outro lado, um trabalhador como o intelectual que auxilia Cícero em suas produções literárias é apenas um subordinado. O autor do capítulo sobre a relação de Cícero com Tiro realça uma contradição. No que narra, o analista ressalta o saber do trabalhador. E o próprio Cícero faz isso, mas mostra que há barreiras para que um subordinado se afirme como pessoa autônoma. Aos intelectuais subordinados a Cícero é vedada qualquer autoria.

A natureza do trabalho tem como contrapartida os modos de vida do trabalhador. Esse é um tema desenvolvido em *Working lives* que pode nos ajudar a entender o trabalho em nossos dias. Vida e trabalho não se separam e precisam ser analisados como mutuamente dependentes. É possível que tal associação fosse mais relevante no Roma Antiga. Ou talvez desconheçamos como a associação ocorre em nosso tempo porque não estudamos a questão sistematicamente, dando a ela a devida importância.

Hoje são comuns discursos que destacam o papel da ciência e da tecnologia no trabalho. Tais discursos, assim como textos clássicos de Roma, acabam deixando o trabalhador invisível, silente, como diz Caroline Cheung, autora do capítulo 4, “Working, learning, and living environments: the view from dolium repairs”. No livro editado por Maticic e Rogers, em vários capítulos vemos que o saber do trabalho é atribuído aos deuses ou aos nobres que supervisionam alguma obra. O trabalhador é visto apenas como alguém que executa algo que foi criado por entes superiores. Os estudos realizados pelos autores mostram que tal modo hegemônico de ver, presente na literatura romana, é negado pela ação. Pelo fazer, os trabalhadores afirmam sua individualidade e seu saber.

Volto ao tema do protagonismo do trabalhador. No livro há um capítulo, o 11, que vale considerar: “Lubitina’s laborers: praeficiae and the origins of the Roman funeral trade”. Na literatura antiga aparece com alguma frequência o nome de uma profissional que é identificada como *praefica* (plural *praeficae*). A *praefica*, nos tempos iniciais e médios da República, oficiava funerais dos nobres. Ela, em frente da casa do falecido, discursava sobre as virtudes do nobre (sempre homem) que se fora. Além disso, cantava canções fúnebres, acompanhada por mulheres escravizadas da família, às quais ela ensinava o rito e a música. Surpreende o fato de que uma mulher realize tais ritos fúnebres. A função seria própria de homens na Roma republicana, mas por motivos desconhecidos essa profissional mulher era a encarregada de fazer o elogio póstumo do falecido e conduzir os ritos do funeral. Outra observação que merece destaque é a de que as *praeficae* eram independentes e, possivelmente, livres, não vinculadas à família (o termo família na

cultura romana inclui não apenas esposa e filhos, mas as pessoas escravizadas e libertas que viviam nos lares da nobreza).

A atuação das *praeficae* nos termos descritos no parágrafo anterior duraram até as Guerras Púnicas. Há indicações de que, a partir de 216 AC, os funerais dos nobres deixam o espaço doméstico e migram para o espaço público. Começa aí o desaparecimento do ofício de *praefica*. O termo ainda aparece em alguns escritos, mas a profissão como era conhecida nos primeiros séculos da República deixa de existir. Sobrevive, de certa forma, na execução de canções chamadas *nenia*, cantadas por mulheres escravizadas e talvez ensaiadas por uma profissional que dá continuidade ao trabalho das *praeficae*. Os discursos fúnebres passam a ser feitos por oradores homens, pois as cerimônias de homenagem ao falecido, ao migrarem para o espaço público, o Fórum, são conduzidas por nobres que exercem no ato um dever cívico, não uma profissão. Além disso, os negócios funerários despertam interesse de especuladores que firmam contratos com o Estado para se ocuparem dos cuidados com os mortos da nobreza. O autor observa que o desaparecimento do ofício de *praefica* é típico da história do trabalho; com a consolidação do negócio, o antigo trabalhador é dispensado, com a consequente eliminação de muitas profissões qualificadas

Destaco aqui o caso das *praeficae* para ressaltar como os autores dos estudos que aparecem em *Working lives in the Ancient Rome* buscam mostrar como trabalhadores exerciam seu ofício e que significado esse trabalho tinha na sociedade romana. Como a história oficial e os modos de contá-la privilegiavam a elite, é preciso garimpar, nos registros arqueológicos e na literatura clássica, o lugar ocupado por trabalhadores. Na história, não se fala dos papéis ocupados por eles nos palcos dos dramas humanos da sociedade. O autor do estudo sobre as *praeficae* realiza proeza admirável ao encontrar em escritos, em textos legais e em tradições romanas sinais de uma profissão que teve grande importância nos tempos da República. E mais, uma profissão feminina que projetava mulheres na sociedade de então.

Relatei a história das *praeficae* para situar como os autores buscam destacar o protagonismo de trabalhadores na velha Roma. Tal protagonismo, como nos dias de hoje, não é evidenciado pela literatura. É preciso descobri-lo em menções que não tiveram por objetivo celebrar um ofício, mas as realizações da elite. Esse processo não está circunscrito a modos de ver a Roma Antiga. Ele continua necessário nos dias de hoje, pois o trabalhador não tem seu protagonismo reconhecido. Vale citar as sentenças finais do capítulo:

As *praeficae* de mítica lembrança vivem para nós, assim como as viu Aristóteles, como Arachne, a aranha, como mulheres definidas por seu trabalho comemorativo. Seu papel terapêutico como líderes de um lamento ritual que ajudava a restaurar para os vivos uma vida de trabalho suportável é pouco notado. Esse é o destino das trabalhadoras *praeficae* da Roma Antiga, cujo cuidado com as almas dos vivos e os corpos dos mortos conta menos que a

preservação da memória dos homens que elas velaram (Bodel, p. 324, tradução nossa).

Em outros capítulos do livro, trabalhadores como as *preficae* têm sua atuação desvelada. Segue trecho que confirma isso:

Sem construtores construindo, sem tecelões tecendo, ou até cozinheiros cozinhando, o inteiro sistema [o tecido urbano] está em risco de colapso, pois cada trabalhador, por meio da práxis de seu trabalho distinto, era pedra fundamental do edifício comunal (Jordan, p. 227, tradução nossa).

Introduzi mais uma citação, dessa vez de Jordan Rogers, para marcar o que entendi como protagonismo ao ler a obra. Tecelões tecendo, construtores construindo, cozinheiros cozinhando, assim como muitas outras atividades de trabalhadores, davam vida às cidades romanas. Esse modo de ver difere bastante de uma visão da nobreza que governava o Império. O trabalho real é que sustentava a comunidade. Sem ele não haveria Império. Cabe, portanto, como fazem os autores de *Working lives in Ancient Rome*, descobrir as pedras fundamentais do edifício comunal. Elas são gente que tinha uma vida de trabalho. E historiadores dispostos a construir narrativas de baixo para cima encontrarão vestígios de como os trabalhadores marcaram sua presença na vida do Império. Isso vale também para os dias de hoje.

Utilizei o termo protagonismo com um significado bastante diferente do que a palavra tem em nossos dias. Entende-se protagonismo como uma iniciativa pessoal que destacará o indivíduo em qualquer campo. O protagonismo, nessa versão, nasce de um ato de vontade. Não é assim que se deve entender o protagonismo dos trabalhadores cuja vida e trabalho são revelados no livro. O trabalhador é protagonista porque o que ele faz é uma das bases do tecido social. O trabalhador é protagonista porque trabalha, porque desempenha um papel que se agrega aos dramas que podem ser vistos nos palcos da vida. Em tal palco, apesar de não receber a iluminação que merece, o trabalhador é um dos atores que dá sentido aos desdobramentos da história de todas as pessoas que ali contracenam. O protagonismo não é fruto de um ato de vontade. É uma vida vivida por meio do trabalho.

Celebração do trabalho

A celebração do trabalho é uma situação que merece menção recorrente em *Working lives in Ancient Rome*. Trabalhadores querem ver seu trabalho reconhecido. Para tanto, utilizam religião e registros fúnebres para mostrar como o que fazem tem significado e valor que devem ser reconhecidos pela sociedade.

Meu pai, pedreiro, às vezes levava a família para apreciar uma obra que ele estava construindo. Tal celebração do trabalho ficava no âmbito individual. Mas há formas de celebração que têm amplitude coletiva. Um exemplo é a participação de Lisa Legohn, mestra de soldagem, em "Monster garage", um programa de TV

em que os participantes faziam maravilhas mecânicas e metalúrgicas na modificação de veículos motorizados. As realizações de Lisa no programa eram celebrações do trabalho dos soldadores. A categoria inteira se via ali, e os telespectadores aprendiam a apreciar o ofício de soldador. Ao acompanhar um curso de manicure, presenciei um ato celebratório do trabalho promovido pela professora. Ela fotografava as unhas feitas pelas alunas e publicava as imagens das obras na internet. Foi a forma que ela encontrou para mostrar publicamente trabalhos bonitos, bem-feitos, embora desconhecesse que acadêmicos descrevam iniciativas assim como celebração do trabalho.

Geralmente não se abrem espaços para a celebração do trabalho, dada sua invisibilidade e de quem o executa. Isso pode mudar quando um trabalho passa a ser valorizado porque se torna atividade das elites. Foi o que aconteceu com a profissão de cozinheiro. Até os anos 1980 a cozinha era um destino ocupacional para os pobres, portanto invisível. Mas a partir de então, cozinhar ganhou destaque e o ofício de cozinheiro passou a atrair gente de classe média, tornou-se visível; muitos programas de TV passaram a celebrar a profissão de *chef de cozinha*.

Na celebração do trabalho interessam iniciativas dos trabalhadores, não as de shows dos meios de comunicação, embora esses tenham papel cada vez mais destacado em atos celebratórios de algumas profissões. Celebrações promovidas pelos trabalhadores são formas de superar estereótipos e mostrar como determinada profissão desempenha papel importante na sociedade. Essa é a forma mais comum que encontramos na Roma Antiga.

Descrições de atos de celebração do trabalho aparecem em diversos capítulos de *Working lives in Ancient Rome*. Mas vou destacar apenas o capítulo que mais aprofunda o tema: “*Labor as religio in Imperial Rome: the fabri tignarii relief*”.

O autor, Jordan Rogers, examina uma descoberta importante ocorrida em 1938. Na época, numa das muitas escavações que acompanham a execução de obras públicas na cidade de Roma, foram encontradas peças de um alto-relevo com cenas do trabalho dos *fabri tignarii* (marceneiros). As peças encontradas faziam parte de um grande altar (2,8 x 2,8 metros) que existiu na região em que se situava a *schola* (edifício que abrigava a associação – *collegium* – dos marceneiros romanos). O alto-relevo retrata aspectos da *religio* dos marceneiros romanos. Jordan, além de analisar o achado arqueológico, estabelece relações com outras representações encontradas em diferentes partes do Império e os prováveis ritos de celebrações religiosas do *collegium* dos marceneiros.

Cada *collegium* dos artesãos romanos tinha seus próprios ritos religiosos e divindade protetora. Assim, no âmbito religioso, os profissionais celebravam o trabalho. Faziam-se reconhecer publicamente como artesãos competentes e honestos. Essas dimensões celebratórias também podem ser vistas nos epítáfios de túmulos de trabalhadores cujas famílias tinham recursos suficientes para homenageá-los *post mortem*.

O alto-relevo dos *fabri tignarii* mostra uma sequência de cenas reveladoras. A primeira mostra Minerva, deusa protetora dos artesãos, e um marceneiro. A relação entre o trabalhador e a deusa pode ter pelo menos duas leituras, o que vou comentar mais à frente. Nas cenas subsequentes aparecem trabalhadores executando fases de um trabalho de marcenaria. A cena final mostra um objeto já acabado. Em cada cena, além de mostrar o processo de trabalho, o alto-relevo destaca ferramentas do ofício dos *tignarii*.

O monumento construído pela associação dos marceneiros, onde os frisos de alto-relevo foram encontrados, era um marco público em Roma. Era um local de culto. Os ritos realizados pelos marceneiros não eram atos isolados. Faziam parte de celebrações religiosas do calendário romano, mas destacavam um grupo de trabalhadores que queriam ser reconhecidos e, para tanto, utilizavam a religião. Era um espaço social em que os marceneiros cultuavam Minerva, a deusa que detinha o conhecimento de sua profissão. Ao mesmo tempo demonstrava a capacidade que eles tinham para produzir objetos de madeira. A religião não se separava da celebração do trabalho.

A primeira cena do alto-relevo, como já disse, pode ter pelo menos duas leituras. Uma delas é a de que Minerva ali aparece (num evento de epifania) para se associar ao trabalho dos *tignarii*, e ao mesmo tempo ser objeto de culto. Outra interpretação, preferida pelo autor, é a de que, na cena, Minerva é uma *imago* que o trabalhador está esculpindo. Isso revela a capacidade que marceneiros têm de produzir imagens de sua protetora na matéria que utilizam em seu ofício, a madeira. Nessa leitura, a produção de uma imagem da deusa tem relações com celebrações religiosas em que os marceneiros carregavam Minerva num andor, em procissão até o local de culto, talvez o monumento em que os frisos foram encontrados. Estendi-me em explicações sobre Minerva para mostrar a importância da celebração do trabalho por profissionais em Roma. Essa era uma maneira de mostrar à sociedade que os marceneiros eram uma das pedras fundamentais do edifício social. Não temos algo equivalente a isso nos dias de hoje.

As cenas do alto-relevo dos *fabri tignarii* têm mais conteúdos a observar. Um deles é o de que as sequências das cenas ressaltam o que ocorre numa oficina de marcenaria. Os processos de trabalho são faces de um conhecimento que merece admiração e isso é mostrado publicamente num monumento. Em cada cena aparece uma ou mais imagens de ferramentas do ofício. Isso não é um elemento decorativo; é símbolo que representa um saber profissional. Esse uso de imagens de ferramentas aparece em muitos outros achados arqueológicos, sobretudo aqueles encontrados em monumentos funerários. O profissional que se foi é lembrado por suas ferramentas, pois usá-las é revelação de conhecimento. Celebra-se assim o trabalho de um ente querido que se foi e, ao mesmo tempo, revela-se a importância do saber que ele tinha. E nas celebrações religiosas dos trabalhadores, imagens de ferramentas substituem tradicionais imagens de ritos litúrgicos, indicando que o culto se associava a uma profissão.

O alto-relevo dos *fabri tignarii* é uma descoberta indicadora de que os trabalhadores romanos, por meio de religião, celebravam o trabalho. Tal celebração, além de ser motivo de satisfação pessoal para o trabalhador, era afirmação de que a categoria tinha seu lugar na sociedade. As associações profissionais – *collegia* –, além de congregar os trabalhadores, celebravam o trabalho por meio de cultos religiosos. E estes não eram apenas atos devocionais, mas eventos sociais que valorizavam o saber dos ofícios.

As evidências de atos celebratórios mudam modos de ver o trabalho e os trabalhadores na Roma Antiga. A visão tradicional, que utiliza dizeres de Cícero afirmando que o trabalho artesanal é sujo e que não há qualquer nobreza numa oficina, contrasta com um discurso de Maximus de Tiro ressaltando que cada profissão tem importância singular no tecido social. A análise cuidadosa do alto-relevo que mostra marceneiros trabalhando utiliza práticas religiosas para enfatizar o valor do trabalho e dos trabalhadores. Vale trazer para cá o trecho final do capítulo escrito por Jordan:

O alto-relevo *fabri tignarii* sugere que tal conhecimento [episteme religioso] deve ser encontrado na práxis do labor. Ele pode, portanto, ser interpretado como uma negação de ambas as ideias tradicionais do status social [o modo hierárquico que não reconhece a importância do trabalho] e de noções econômicas de lucro, aqui num contexto explicitamente religioso. Embora não identificando a si mesmos com os sacerdotes públicos (pontífices), os *fabri tignarii*, entretanto, celebram seu próprio domínio de conhecimento, o do fazer, sob a proteção de Minerva, para manter o bem-estar da *res publica* (Jordan, p. 250, tradução nossa).

Tem conserto?

O trabalho de reparos não tem apelo profissional. Ele não produz, apenas interfere num produto para que volte a funcionar. O reparo, porém, pode apresentar desafios muito exigentes em termos de conhecimento. Numa importante obra sobre o valor do trabalho, Matthew Crawford (2009) mostra que o conserto de motos antigas exige, muitas vezes, capacidades intelectuais superiores às exigidas por atividades acadêmicas. O reparo de alguns objetos, além de incluir desafios interessantes, sinaliza avanços tecnológicos no campo do trabalho. Um caso de reparo na Roma Antiga ilustra bem isso. Trata-se dos cuidados para consertar enormes reservatórios de cerâmica chamados de *dolia* (singular *dolium*), capazes de armazenar vinho, azeite ou garo, abordados no capítulo “Working, learning, and living environments from dolium repairs”, escrito por Caroline Cheung.

Um *dolium* era produzido em camadas de argila que se sucediam em diferentes tempos. Uma nova camada era acrescentada a outra que já estava seca. Isso causava um problema difícil de resolver, pois o local de interseção das camadas poderia causar vazamento de líquidos. *Dolia* eram reservatórios que exigiam imper-

meabilidade e segurança para que o líquido não vazasse ou evaporasse. Por isso, era preciso adotar medidas que garantissem a integridade de tais reservatórios. Os oleiros que faziam *dolia*, ao iniciar uma nova camada, avaliavam se a junção dela com a anterior não resultaria em possíveis áreas de vazamento. Se isso pudesse ocorrer, conforme o julgamento dos profissionais, construíam-se reforços entre as partes para assegurar a integridade daquele enorme reservatório feito de argila. Nesse caso, o reparo era preventivo e acontecia no próprio processo de produção.

O desafio de produção de *dolia* sugere que os oleiros envolvidos na tarefa passavam por um longo processo de aprendizagem, com base no que já sabiam para produzir ânforas e outros objetos menores de cerâmica. Cheung observa que o ambiente, uma olaria, devia ter trabalhadores que cooperavam para que os *dolia* ali produzidos fossem de boa qualidade.

Dolia eram bens preciosos para produtores e comerciantes de vinho, azeite ou garo. Custavam centenas de vezes mais do que ânforas utilizadas para acomodar pequenas quantidades de líquido. Produtores e comerciantes queriam que tais recipientes durassem muitos anos. Mas, com o tempo, os *dolia* começavam a apresentar vazamentos. Era preciso repará-los.

Frestas em *dolia* dificilmente podiam ser reparadas com argila, pois não aderia facilmente a uma superfície cerâmica já cozida. Outros profissionais que não oleiros encontraram meios de resolver o problema. Metalúrgicos preenchiam as fissuras com chumbo. Marceneiros utilizam madeira e resina para o mesmo fim. Reparos de marceneiros e metalúrgicos garantiam o uso dos famosos recipientes de cerâmica por muitos anos. Nos dois casos, vemos profissionais muito diferentes encontrando formas de fazer reparos com os materiais que mais conheciam.

A produção e reparo dos *dolia* sinaliza que os trabalhadores desenvolveram meios de garantir o uso de tais reservatórios de líquidos por muitos anos. Na olaria, durante a produção, trabalhadores locais se associavam cooperativamente para fazer emendas preventivas, reforçando a estrutura do objeto que estavam construindo. No processo, aprendiam e criavam novas tecnologias no campo da produção cerâmica. Nos locais de utilização dos *dolia*, em propriedades rurais, armazéns e portos, verificava-se a invenção de outras tecnologias de recuperação daqueles enormes recipientes de argila. A aplicação de conhecimentos de metalurgia ou de marcenaria, no caso, não era banal.

Caroline Cheung, a partir do exame de muitos *dolia* encontrados em diversas partes do Mediterrâneo, faz inferências sobre criação de novas tecnologias e oportunidades de aprendizagem, mostrando que no mundo romano o trabalho não era necessariamente imutável em seus processos. O que se aprende com os reparos dos *dolia* é que o trabalho pode ser inventivo e desafiador. E isso ocorre com muita frequência quando o trabalhador precisa executar atividades de reparo. Isso continua válido nos dias de hoje.

Na olaria, trabalhadores, realizando diversas tarefas, viviam num ambiente que favorecia trocas mútuas de saber profissional. Por isso, mesmo trabalhadores altamente especializados, capazes de produzir *dolia*, tinham às vezes ajuda de oleiros que no dia a dia se encarregavam de tarefas mais simples. Caroline Cheung, em seu capítulo, lembra que medidas de mudança no ambiente de trabalho, como a organização de escritórios panorâmicos, têm a finalidade de favorecer a cooperação. No *help center* da Xerox ocorreu medida nessa direção: as cabines individuais das trabalhadoras que recebiam solicitação de auxílio foram substituídas por ilhas de atendimento nas quais as atendentes podiam se comunicar entre elas quando tinham alguma dúvida e o sistema computacional não apresentava solução que pudessem repassar a quem estava solicitando ajuda. O rearranjo do espaço de trabalho no centro de atendimento da Xerox se deu após verificação de que, mesmo em cabines isoladas, as atendentes se ajudavam quando preciso.

O saber do trabalho

Encontramos referências ao saber do trabalho em vários capítulos de *Working lives*. Em tais referências, a literatura clássica sugere que o saber do trabalho foi elaborado por deuses ou por personagens míticos. Minerva predomina como deusa da qual dependem todos os ofícios. Nesse sentido, trabalhadores nada criaram, apenas aplicam conhecimento elaborado por seres superiores. Esse modo de ver elaborado pelas elites romanas não desapareceu. Está presente em nosso tempo quando se diz que o trabalhador tem apenas conhecimento empírico, ignorando toda a teoria que fundamenta o fazer. E essa última é saber científico dominado por engenheiros.

No capítulo “The politics of pesto: making metaphor work (*Moretum*)”, Tom Geue examina *Moretum*, poema de autor desconhecido. No texto analisado, narra-se a relação, em situação de trabalho, entre um agricultor, Simulus, e uma mulher escravizada, Scybale. Simulus é um romano com perfil tradicional, um cidadão que virtuosamente cultiva a terra e domina quase todas as atividades produtivas necessárias para o dia a dia. No poema, ele aparece no momento em que prepara a primeira refeição do dia, um pesto e massa para o pão. O que faz o projeta como um demiurgo, alguém que tem conhecimento e domínio dos fazeres do trabalho. Scybale aparece como uma subordinada que acende o fogo e leva a massa ao forno. Ela participa do trabalho mas é incapaz de fazer o que faz seu senhor. Estabelece-se assim uma relação entre quem tem o domínio de todo o processo, um homem livre, um agricultor, e quem é capaz de fazer apenas algumas tarefas mais simples, uma mulher escravizada. E não é a condição de escrava que faz de Scybale uma incapaz. Segundo o autor do poema, falta a ela, independentemente de sua condição, o saber mais exigente do trabalho.

O uso aqui estabelecer um paralelo entre os dois personagens romanos e dois personagens da era industrial. Em *O saber no trabalho*, Mike Rose (2007) narra relações

entre Frederik Taylor, criador da organização científica do trabalho, e Schmidt, peão de uma metalúrgica. No diálogo com o trabalhador, Taylor ensina um método de como fazer de modo eficiente um trabalho bem simples, carregar lingotes. E no seu texto, Taylor descreve Schmidt como um boi, com inteligência limitada, incapaz de executar tarefas mais exigentes. Nesse caso, o saber do trabalho estava na gerência, não no chão da usina em que o trabalhador executava tarefas pesadas mas muito simples. Embora séculos separam os personagens de ambas as histórias, Simulus é Taylor, Scybale é Schmidt. Num e outro caso, a avaliação do trabalhador subordinado é ideologicamente enviesada.

Passo a considerar conteúdo de outro capítulo: "Arachne, or the metamorphosis of labor", de Marco Formisano. O autor examina um texto de Ovídio, *Metamorfose*s, abordando relações entre a tecelã Arachne e a deusa Minerva. Arachne tem sua arte muito admirada e reconhecida. A fama da tecelã chega até Minerva e esta resolve desafiar a primeira para um concurso. A competição entre as duas acontece. Minerva tece maravilhosamente, mas suas obras seguem as convenções do Olimpo. As temáticas não variam. Arachne tece criativamente. Não segue as convenções impostas pelos deuses. Por isso recebe um castigo de Minerva, que a converte em aranha. Após a metamorfose, a talentosa tecelã perde sua criatividade e produz sempre a mesma teia. Além disso, o que produz não tem mais a mediação de ferramenta, a teia que tece sai de seu corpo. Ao comentar que Arachne, transformada em aranha, não usa mais ferramentas, o autor lembra uma observação de Marx:

Karl Marx, no *Capital* (vol. I, cap. 7), observou que o trabalho opera uma tensão fundamental entre a vontade do trabalhador e sua submissão a uma lei de determinada meta de um projeto final, e este papel-chave desenrola-se por meio de mediação entre humanos e a natureza representada pelas ferramentas que os humanos providenciam para si próprios (Formisano, p. 288).

Minerva castiga Arachne atingindo a cabeça de tecelã com uma lançadeira, ferramenta símbolo da profissão. Depois da pancada, Arachne sofre a metamorfose e se transforma em aranha. Não mais muda o mundo com o uso de ferramentas, não mais produz obras originais. Sua vontade é aniquilada. Passa a realizar um trabalho sem sentido, automatizado. Há assim uma dupla metamorfose: a do corpo da artista, a da natureza do trabalho. Para o que estou enfatizando nesta seção, o saber do trabalho, vale dizer que Arachne transformada em aranha não tem mais conhecimento.

Como aranha, Arachne não tem outra escolha além de tecer *ad infinitum* a mesma teia. Ao fazer isso, identifica-se completamente não com o sentido do produto final, mas com seu habilidoso labor. O autor introduz o termo labor recorrendo a uma teorização da filósofa alemã Hannah Arendt. Vou comentar tal teorização utilizando a relação entre Simulus e Scybale e entre Minerva e Arachne. Faço isso correndo o risco de simplificar em demasia o pensamento da filósofa alemã.

Em *The human condition*, Arendt, com base em análise da linguagem de alguns idiomas europeus, mostra que há uma distinção importante entre labor e trabalho (*labor and work*). Labor corresponde a uma atividade orgânica para sustentar a existência, é um fazer em que o executante não age movido pelo plano de chegar a um produto. Labor é a atividade voltada para o imediato, para necessidades biológicas emergentes no dia a dia. Trabalho é uma atividade voltada para um produto final que resulta em mudança de alguma dimensão do mundo. É uma atividade cujo executor sabe qual é o sentido da ação.

Minerva, ao punir Arachne, anula o sentido do trabalho que têm as tapeçarias da famosa tecelã. Ela não mais faz arte em seu ofício, produzindo obras com finalidades que ela determina. Convertida em aranha, apenas produz teias que revelam alta habilidade, mas nenhum sentido além de uma contínua repetição do mesmo fazer.

Com relação ao trecho do poema *Moretum* que narra a relação de um senhor com sua escrava, o trabalho do senhor pode ser objeto de metáforas, tem conteúdo expressivo e pode ser objeto de riqueza poética. O trabalho da escrava não pode ser metaforizado, é um fazer que não merece tratamento poético. Na teorização proposta por Hannah Arendt, só a atividade do senhor é trabalho. A atividade da mulher escravizada é apenas labor.

Em *Metamorfoses* e *Moretum* aparece claramente a intervenção da elite dirigente criando obstáculos para que não emerja o saber do trabalhador. No caso de Arachne, uma deusa, que representa o modo hegemônico de ver a epistemologia do trabalho, impede que a artesã dê sentido ao que faz. No caso da relação entre um senhor e uma escrava, os fazeres da última são ações cujo sentido é conhecido apenas pelo primeiro. A escrava não trabalha, labora.

Outra distinção proposta por Hannah Arendt aparece em *Working lives* para caracterizar o conhecimento do trabalho. Em descrições da vida, gregos distinguiam *bios* de *zoe*. *Bios* corresponde a um viver histórico. *Zoe* corresponde a um viver meramente orgânico. Trabalho é um desdobramento de *bios*. Labor é uma atividade circunscrita a *zoe*.

Na Roma Antiga, percebe-se um movimento das elites para desvalorizar, até mesmo anular o saber dos trabalhadores. Era preciso resolver a contradição de que gente sem educação acadêmica pudesse realizar coisas admiráveis. Quando o saber do trabalho é evidenciado, como o de Arachne, era preciso impedir que as obras de um profissional tivessem sentido. Quando o fazer de um trabalhador é descrito, como o de Scybale, não há conhecimento no horizonte. Em outras obras literárias e em achados arqueológicos, os próprios trabalhadores fazem questão de mostrar seu saber. Basta lembrar aqui o alto-relevo dos *fabri tignarii*.

Há outros registros que evidenciam, no cotidiano da Roma Antiga, reconhecimento do saber dos trabalhadores. Médicos geralmente desenvolviam suas carreiras passando por diversas cidades onde continuavam a aprender e construíam seu prestígio profissional. Nas construções de obras públicas, os dirigentes recorriam a

uma mão de obra especializada, vinda de várias áreas do Império, uma vez que não existiam localmente trabalhadores especializados. Essa circulação de profissionais revela que trabalhadores detinham saberes que deviam ser reconhecidos.

A circulação de trabalhadores pelo Império revela outro aspecto do saber do trabalho: a relação entre mestres e aprendizes. Isso aparece claramente nas narrativas sobre a formação de médicos. Vale notar que isso hoje é muito comum nos meios científicos. Pesquisadores em formação buscam integrar-se a laboratórios onde cientistas laureados exercem papel de mestria. E tais pesquisadores, se possível, tentam passar por mais de um laboratório onde haja mestres reconhecidos. A mestria é, ao mesmo tempo, referência de aprendizagem e indicador de onde se pode chegar em percursos profissionais. A formação de médicos no Império Romano antecipa, de certa forma, como se processa a formação científica em nosso tempo.

Para encerrar considerações sobre o saber do trabalho, volto às ferramentas. Na primeira cena do alto-relevo dos *fabri tignarii*, há no alto da parede um esquadro. Como já reparei, a ferramenta não está ali para decorar a cena. Ela traz uma mensagem: seu uso exige habilidade e conhecimento do profissional. O esquadro, particularmente, é uma ferramenta que sugere saberes de trabalhadores que constroem obras admiráveis. As ferramentas são instrumentos que mediam as transformações que os trabalhadores planejam realizar. Sequestrar a ferramenta do trabalhador anula a criatividade. É isso que acontece com Arachne quando Minerva impede que ela continue a utilizar a lançadeira para tecer. Tudo isso é muito sugestivo se pensarmos como, na organização do trabalho, trabalhadores perderam possibilidades de continuar a usar ferramentas que caracterizavam seu saber.

Poesia, vida e trabalho

O último capítulo de *Working lives in Ancient Rome*, "The vergilian work of life", é escrito por Del A Maticic. O autor examina biografia e obra de Virgílio retomando a conversa que ele e Jordan Rogers tiveram sobre trabalho e vida, pensando nos problemas que enfrentariam após o doutorado. A poesia de Virgílio oferece pistas para pensar sobre trabalho e vida na academia. Oferece mais. Oferece pistas para pensar desdobramentos do trabalho a partir de invenções literárias como as do grande poeta latino.

No texto, Maticic narra que o nascimento e a vida de Virgílio são contados como planta que se desenvolve ou primavera que ameniza as consequências do calor do verão e do frio do inverno. Num e noutro caso, a vida se desdobra como planta que cresce ou natureza cujos ciclos resultam sempre em novos nascimentos.

Ao examinar a obra de Virgílio, o autor aprofunda significados de muitas das palavras que aparecem no poema. Efetua uma análise literária que busca entender como o poeta projetava a vida em seus escritos. Interessa mais o exame que ele

faz da palavra *labor* no texto virginiano. O poeta entende que *labor* designa uma luta pela afirmação de ser, nas plantas, nos animais, nos seres humanos. *Labor*, num de seus sentidos, é luta para que mudanças ocorram. Nessa direção, a palavra tem a ver com entendimentos do que é vida. Esse modo de entender lembra como a mãe do poeta sonhou com os feitos do filho que ia nascer, um menino que cresceria como uma árvore capaz de produzir folhas e frutos, sempre renovando a vida durante a primavera.

É tentador traduzir o *labor* de Virgílio pelo termo trabalho como este é entendido nos dias de hoje. Essa tradução não seria inteiramente correta. Por outro lado, *labor* tem um significado muito abrangente, que engloba os desdobramentos da vida na natureza e os fazeres humanos para vencer desafios do viver.

Um dos episódios da biografia de Virgílio é o de seu encontro com o imperador Augusto. Antes de ser poeta, Virgílio foi trabalhador itinerante como outros que se deslocavam pelo Império para mais aprender e ganhar prestígio em seus ofícios. Antes de se tornar poeta, o grande autor latino foi veterinário e acabou indo para Roma para trabalhar no haras imperial. Sua capacidade de cuidar da saúde dos cavalos foi recompensada pelo imperador com generosas quantidades de pão. Em conversa com Augusto, o poeta diz que ele deve ser filho de padeiro. O poderoso governante não apreciou tal comentário. Mas depois que Virgílio mostrou-lhe que sua generosidade indicava a ilação, Augusto comprehendeu o argumento. Maticic conta tal história para situar uma compreensão de *labor* que pode incluir profissões artesanais:

Esta troca [como se vê na conversa do poeta com o imperador] entre *labor* e vida [...], considerando o potencial analógico entre trabalho da literatura e aquelas outras profissões voltadas para o sustento da vida – *vigiles* (bombeiros), padeiro, veterinário e até imperador – mostra que a biografia do poeta revela o papel que o *labor* operava na preservação e projeção da vida em sentido literal, não apenas metafórico (Maticic, p. 354, tradução nossa).

Cabe observar que uso aqui o termo *labor* na sua versão em latim. O termo em português não tem a força original encontrada no poema de Virgílio. Acrescento que o *labor* virginiano nada tem a ver com o labor de Hannah Arendt. É um conceito que associa vida ao que hoje chamamos de trabalho.

Maticic adianta uma interpretação interessante. *Labor*, no sentido em que o poeta usa a palavra, “lembra que trabalho é transferência de energia, é essencial para a vida vivida, como tem que ser, na presença de outras vidas” (Maticic, p. 356, tradução própria).

O poema de Virgílio aponta para uma compreensão de vida que inclui o trabalho como hoje o entendemos. Ela, nas muitas formas em que o *labor* aparece na natureza e na ação humana, indica possibilidade de se superar a síndrome da sexta-feira.

Observações finais

Fiz uma leitura de *Working lives in Ancient Rome* com lentes enviesadas de quem estuda o saber do trabalho. Tal leitura deixou de contemplar muitas das contribuições oferecidas pelos autores. Além disso, não estive atenta aos aspectos de análise literária que nos ajudam a compreender o significado de textos clássicos que, de alguma forma, mostram entendimentos de como os romanos viam trabalho e trabalhadores. Mas minha leitura, mesmo que limitada, revela aspectos interessantes da obra editada por Del A. Maticic e Jordan Rogers.

O livro reúne estudos que abordam a vida de trabalhadores de baixo para cima. Busca-se reverter visões do mundo, elaboradas pelas elites, em que a vida de trabalho fica nas sombras. Os autores utilizam diversos recursos para isso. Examinam obras literárias para descobrir como vida e trabalho podem emergir de poemas escritos por autores clássicos e autores desconhecidos. Aprofundam estudos de achados arqueológicos para entender como monumentos construídos por associações profissionais (*collegia*) carregam mensagens de trabalhadores que querem mostrar a importância do que fazem nos destinos das cidades. Nada disso aparece nos modos hegemônicos de escrever a história. Certamente podemos aprender com os autores de *Working lives in Ancient Rome* a como dar visibilidade ao trabalhador, a como escrever uma história contemporânea de vida e trabalho.

Observei que os romanos atribuíam a deuses ou seres míticos o saber do trabalho. Médicos ou sapateiros exerciam ofícios criados por entes superiores. Nada criavam, apenas agiam de acordo com invenções de origem divina. Arachne contraria essa doutrina oficial. Não aceita que sua arte seja apenas um desdobramento da criação de Pallas, a deusa da tecelagem. Além disso, se recusa a ser uma trabalhadora subjugada pelo próprio fazer. Ela não é o que faz. Livra-se dessa identificação para se afirmar como artista que está acima de sua arte. Maticic e Rogers veem em Arachne exemplo de como deveria ser um trabalhador na academia, um ser livre, não um conformista. Arachne, a rebelde, sugere um caminho em que a vida é mais importante do que o trabalho. Por isso, Minerva a transforma em aranha, trabalhadora que não se distingue de sua arte, vítima de um trabalho repetitivo, exigente em termos de habilidade, mas sem qualquer espaço para a produção de uma arte que mostre a individualidade do artista.

Cabe ainda considerar mais um aspecto sugerido pela crença de que os saberes do trabalho eram invenções divinas. Observei que tal entendimento tem paralelo com as crenças atuais de que o trabalho decorre da ciência e da tecnologia. A crença atual reduz o trabalhador a executor. Examinei isso lembrando o caso da relação entre Fredrick Taylor, criador da organização científica do trabalho, e Schmidt, o aparentemente limitado peão do chão de usina metalúrgica. Ciência e tecnologia substituíram deuses e seres míticos. O trabalhador continua a ser apenas um executor de invenções de seres superiores. Entendo que o paralelo que estabeleci precisa

ser mais discutido. De qualquer forma, o livro organizado por Maticic e Rogers nos desafia a criticar a doutrina oficial dos dias de hoje.

Working lives in Ancient Rome pode ser lida como uma obra que ilumina como devemos ver trabalho e vida hoje. Basta criar analogias que nos permitam aprender com os trabalhadores que a obra traz à luz.

Referências

CRAWFORD, M. **The case for working with your hands**. London: Penguin Books, 2009.

MATICIC, Del A, ROGERS, J. (ed.). **Working lives in ancient Rome**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2024.

PAZ, O. **Labirintos da solidão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

ROSE, M. **O Saber do trabalho**: valorização da inteligência do trabalhador. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.